

China vive processo de reformas histórico

Humberto Saccomandi

Valor, 10/09/2021

A China está passando pelo processo de mudanças internas mais profundo desde as reformas de mercado introduzidas por Deng Xiaoping, a partir do final dos anos 70

A China está passando pelo processo de mudanças internas mais profundo desde as reformas de mercado introduzidas por Deng Xiaoping, a partir do fim dos anos 70. A dimensão das mudanças atuais ainda não é clara, mas elas vão no sentido de domar o capitalismo, impondo um maior controle do Estado e do Partido Comunista. Para o mundo, pode haver riscos.

O presidente Xi Jinping vem aprovando reformas ao longo do seu governo, incluindo o fim da proibição do terceiro mandato. Mas a dimensão e o ritmo das reformas se aceleraram de um ano para cá, coincidindo com o sumiço em novembro de 2020 de Jack Ma, fundador do grupo Alibaba e um dos homens mais ricos da China, após ele ter criticado os reguladores chineses. Hoje não passa uma semana sem novas medidas, às vezes várias.

País vive algo entre um grande ajuste e uma mudança radical

De início parecia uma ação mais para controlar as gigantes de tecnologia, e-commerce, as redes sociais e plataformas. Houve investigações antitruste e antimonopólio, multas bilionárias e o clamoroso cancelamento do IPO do Ant Group, fintech ligada ao Alibaba, que seria o maior da história.

Mas aos poucos as medidas foram se ampliando e atingindo outros setores, como educação, entregas e seguro. Ganhou força o slogan “prosperidade comum”, com ataques aos mais ricos e à concentração de riqueza. Em agosto o governo divulgou um amplo plano regulatório de cinco anos que prevê medidas para os setores de inovação tecnológica, cultura e entretenimento. Veio então o plano de proibir IPOs nos EUA. Nas últimas semanas, o governo limitou o tempo que os jovens podem passar jogando games de computador e proibiu jovens com visual efeminado nos meios de comunicação.

Afinal, o que está acontecendo? A coluna fez essa pergunta a alguns especialistas em China. E eles se dizem surpresos e confusos com a dimensão do processo.

Arthur Kroeber, fundador e diretor de pesquisa da consultoria Gavekal Dragonomics, diz que está acontecendo algo entre “um grande ajuste e uma mudança fundamental”. “Eles estão fazendo mudanças maciças e importantes no acordo social que costumava existir entre o Estado e os empresários. O espaço para os empresários ficou muito menor.”

“Tudo isso foi um pouco surpreendente. Não antecipamos a dimensão nem a abrangência. E eles seguem fazendo mais, mais rapidamente e com mais ímpeto do que achávamos que fariam.”

Michael Pettis, professor de finanças na Universidade de Pequim, também relata o clima de perplexidade. “Há muita confusão sobre o que está acontecendo, pois há muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.”

Ele atribui esse processo a dois fatores. Um político: “No ano que vem haverá o congresso do Partido Comunista. É quase certo que Xi Jinping conseguirá um terceiro mandato. Sempre que esses congressos acontecem, eles querem que tudo vá muito bem. Isso significa que o congresso está influenciando as decisões agora.”

E há um fator econômico. Para Pettis, a economia chinesa tem problemas importantes, principalmente o excessivo endividamento. Mas controlar o endividamento significaria reduzir o crescimento, o que o governo não quer. Por isso, há a pressão sobre as empresas para que elas gastem mais com programas sociais e doem mais.

Pettis acha, porém, que isso ataca o problema errado, que não é a desigualdade de renda, mas sim o fato de o trabalhador chinês ficar com uma parte pequena da riqueza produzida. “Nos EUA, as famílias ficam com cerca de 80% do PIB; na maioria dos países da Europa e da América Latina, ficam com algo entre 70% e 80%; nos países asiáticos de baixo consumo, ficam com 65% a 70%; mas na China é 50% a 55% do PIB.”

Ele acredita que forçar as empresas a distribuir mais renda vai ajudar pouco, pois o problema é que o governo se apropria de uma parcela muito grande do PIB.

Uma fonte, que pediu para não ser identificada devido à sensibilidade do tema na China, diz que as medidas parecem ter um caráter populista. “O governo pode estar tentando dar uma mensagem populista, que eles podem usar em caso de insatisfação popular.”

Para Kroeber, parte do esforço regulatório é compreensível. “Por muito tempo na China houve muitas zonas cinzentas, a regulação não era aplicada de forma consistente. Muita da atividade corporativa focou nessas áreas cinzentas e em tirar vantagem disso. Essencialmente, o que eles estão dizendo agora é que não querem mais áreas cinzentas e que, quando publicam uma regulação, querem que ela seja cumprida.”

Quais são os riscos econômicos desse processo de reformas?

Para Kroeber, “o impacto direto é relativamente pequeno, pois as empresas atingidas atuam principalmente dentro da China. Tencent, Alibaba, Didi não têm operações significativas no resto do mundo. Se elas forem espremidas, isso não terá muito impacto em outros lugares”.

“Acho que haverá dois impactos. Um é que há muitas dúvidas no mundo financeiro hoje sobre quão seguro é investir em empresas chinesas. Assim, pode haver uma reavaliação global sobre quanto dinheiro os investidores vão alocar para a China. Há um debate sobre isso entre os investidores, sobre o quanto continuar exposto à China. Alguns estão querendo desinvestir, outros acham que a China é uma economia tão grande que precisam continuar e aumentar investimentos lá.”

“Sobre o segundo impacto, eu duvido que essas ações terão um efeito econômico negativo significativo na China, ao menos no curto prazo. Mas, se eu estiver errado e isso puxar a economia chinesa para baixo, haverá então um impacto importante para o resto do mundo, pois a China é um grande contribuidor na demanda global.”

Pettis também não acha que a China deixará a economia de mercado. “Mas há o receio de que, ao forçar as empresas e os ricos a subsidiarem o que deveria ser gasto do governo, pode-se estar enfraquecendo as empresas privadas. E o setor privado, na China e no mundo é a fonte de dinamismo, de inovação, de crescimento de emprego e PIB.”

“Se a China se rebalancear [depender menos de exportações e mais de consumo interno], isso seria bom para o mundo. O mundo sofre com demanda fraca e tem de absorver o excesso de produção de países como China, Japão e Alemanha. Se ocorrer um reequilíbrio da demanda chinesa, isso será bom para o mundo.”

Enquanto isso, diz a fonte, “ninguém sabe direito o que fazer, estão todos com muito medo. Há muito nervosismo. Parece haver um ‘revival’ nacionalista, algo muito conservador e retrógrado.”

**Humberto Saccomandi é editor de Internacional. Escreve mensalmente às sextas-feiras
E-mail: humberto.sacomandi@valor.com.br**